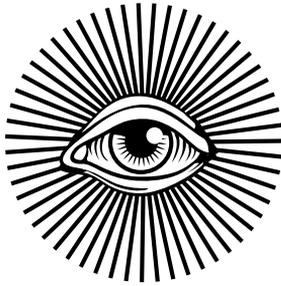


LIBBA BRAY

OS ADIVINHOS

Tradução
Carmo Vasconcelos Romão



1001
MUNDOS



UMA TARDE NO FINAL DO VERÃO

As luzes estão todas acesas numa casa de uma rua elegante do Upper East Side de Manhattan. Está a decorrer uma festa – a última do verão. No terraço sobranceiro à incandescente linha do horizonte, a orquestra faz um intervalo há muito ansiado. São dez e meia. A festa dura desde as oito horas e os convidados sentem-se já aborrecidos. Debutantes envergando elegantes vestidos de *chiffon* em tons pastel murchavam nas cadeiras de couro como *petits fours* sob o sol de julho. Um atrevido estudante da Universidade de Princeton quer que os amigos o acompanhem a Greenwich Village a um *speakeasy*¹ de que ouviu falar a um amigo de um amigo.

A anfitriã, uma jovem bonita e mimada, repara na inquietação dos convidados com uma sensação de pânico. É o seu décimo oitavo aniversário e se não fizer alguma coisa para erguer a festa dos mortos, nos próximos dias toda a gente dirá que esta foi mais aborrecida que uma reunião paroquial.

Erguer dos mortos.

No fim de semana anterior fora obrigada a ir com a mãe ao Norte à procura de antiguidades – uma coisa terrivelmente enfadonha, até terem encontrado um velho tabuleiro de Ouija. As tábuas de Ouija são o último grito da moda. Os videntes afirmam receber mensagens e avisos do além usando a «tábua falante» do Dr. Fuld.

¹ Local de venda e consumo ilegal de bebidas alcoólicas durante a Lei Seca dos Estados Unidos da América. (*N. da T.*)

O antiquário convencera a mãe de que recebera o tabuleiro em circunstâncias misteriosas.

– Dizem que ainda está assombrado por espíritos inquietos. Mas talvez a senhora e a sua irmã consigam acalmá-los – dissera com exagerada lisonja; naturalmente que resultara com a mãe, que pagara afinal um preço excessivo pela coisa. Pois bem, pagaria agora pelo erro que cometera.

A anfitriã corre para o roupeiro do corredor e faz sinal à criada.

– Faz-me um favor e vai buscar aquilo.

A criada entrega-lhe a tábua abanando a cabeça.

– A menina não devia brincar com esse tabuleiro.

– Não sejas parva. És uma antiquada.

Com uma volta rápida própria de Clara Bow², a anfitriã irrompe pela sala com o tabuleiro de Ouija.

– Quem quer comunicar com os espíritos? – pergunta com uma gargalhadinha, para mostrar que não levava o assunto a sério. Afinal era, sem dúvida alguma, uma menina moderna dos anos vinte.

As jovens murchas saltam dos cadeirões.

– Mas o que tens aí? Um tabuleiro de Ouija? – pergunta uma delas.

– É verdade, querida! A minha mãe comprou-o para mim. Parece que está assombrado – declara a anfitriã a rir. – Mas *claro* que não acredito. – Coloca o indicador em forma de coração no meio do tabuleiro. – Vamos então conjurar qualquer coisa para nos divertirmos.

Todos a rodeiam. George coloca-se ao lado dela. Estuda em Yale. Está no terceiro ano. E ela passou já muitas noites acordada no quarto a imaginar o futuro com ele.

– Quem quer começar? – pergunta encostando os dedos aos dele.

– Eu – anuncia um rapaz com um fez ridículo. Não se lembra de como ele se chama, mas ouviu dizer que tem o hábito de convidar

² Atriz do cinema mudo e dos princípios do cinema sonoro (1905-1965). (N. da T.)

raparigas para a marmelada no seu descapotável. Fecha os olhos e poussa os dedos no vidro do indicador. – Uma pergunta eterna: a menina do meu lado direito estará loucamente apaixonada por mim?

As raparigas soltam gritinhos histéricos e os rapazes riem enquanto o indicador indica lentamente as letras S-I-M.

– Mentira! – exclama zangada a menina em questão, olhando o indicador em forma de coração com a sua lente de vidro.

– Não desminta, minha querida, eu seria seu sem pedir nada em troca – declara o rapaz.

Cresce o entusiasmo; as perguntas tornam-se mais ousadas. Embriagaram-se com gim, com o divertimento e com a tola distração de adivinhar o futuro. *Every mornin', every evenin', ain't we got fun?*³

– Olhem, vamos chamar um espírito verdadeiro – desafia George.

Um nó de emoção e desassossego aperta o estômago da anfitriã. O antiquário acautelara-a para não o fazer. Avisara-a de que os espíritos chamados deveriam ser devolvidos ao seu descanso cortando a ligação, dizendo-lhes adeus. Mas tentava ganhar dinheiro e além do mais, está-se em 1926 – quem acredita em assombrações e duendes quando há automóveis, aviões, o Cotton Club e homens como Jake Marlowe a fazer avançar a América através da indústria?

– Não me digas que estás com medo! – George ri, trocista. Tem uma boca cruel, o que o faz ainda mais desejável.

– Medo de quê?

– De que o gim se acabe! – brinca o rapaz do fez e toda a gente ri.

George murmura-lhe ao ouvido «Eu olho por ti», com a mão nas costas dela.

Oh, com certeza, esta é a noite mais fantástica!

– Conjuramos agora o espírito deste tabuleiro para que nos escute e fale do nosso futuro! – exclama a anfitriã com grande entoação, entrecortada por risadas. – Tens de obedecer, espírito!

³ Letra de um *foxtrot* dos anos 1920. (*N. da T.*)

Há uma pausa e logo a seguir o indicador começa uma lenta migração pelas letras góticas do alfabeto, formando uma palavra.

O-L-Á

– É o espírito – afirma alguém em tom de troça.

– Como te chamas, ó grande espírito? – insiste a anfitriã.

O indicador movimenta-se rapidamente.

J-O-H-N-P-E-R-V-E-R-S-O

George ergue uma sobrancelha com ar atrevido.

– Pois olhem que estou a gostar. Porque és perverso, rapaz?

V-Á-O-V-E-R

– Ver o quê? Que vais fazer, ó perverso?

Nada.

– Quero ir dançar! Vamos para o Moonglow – pede em voz arrastada uma jovem embriagada, já a fazer beicinho. – Afinal, quando volta a banda?

– Daqui a pouco, não te preocupes – diz a anfitriã com um sorriso e uma gargalhada, porém, com alguma cautela. – Vamos tentar outra pergunta. Tens alguma profecia para nós, John Perverso? Alguma previsão para o futuro? – Olha de soslaio para George.

O indicador mantém-se imóvel.

– Diz-nos qualquer coisa, vá lá.

Por fim, há movimento no tabuleiro.

– Eu... ensino-vos... medo – lê a anfitriã em voz alta.

– Parece o diretor de Choate – troça o rapaz do fez. – Como vais fazer isso, amigo?

E-S-T-O-U-À-P-O-R-T-A-E-B-A-T-O

S-O-U-A-B-E-S-T-A

O-D-R-A-G-O-N-O

– O que quer isso dizer? – pergunta a jovem embriagada, recuando ligeiramente.

– Não quer dizer nada. São tolices – diz a anfitriã repreendendo a convidada, mas sentindo algum receio. Volta-se para o rapaz que tem a reputação de arranjar sarilhos. – Estás a fazer com que diga isto!

– Não. Juro! – afirma, fazendo uma cruz sobre o coração com o indicador.

– Porque estás aqui, amigo? – pergunta George ao tabuleiro.

O indicador movimenta-se tão depressa que mal o podem acompanhar.

G-U-A-R-D-O-A-S-C-H-A-V-E-S-D-O-I-N-F-E-R-N-O-E-
-D-A-M-O-R-T-E

C-H-E-G-O-U-A-I-R-A-A-R-M-A-G-E-D-Á-O-P-R-O-S-T-
-I-T-U-T-A-D-A-B-A-B-I-L-Ó-N-I-A

– Para imediatamente! – grita a anfitriã.

P-R-O-S-T-I-T-U-T-A-P-R-O-S-T-I-T-U-T-A-P-R-O-S-T-I-T-
-U-T-A repete o indicador. Os jovens inteligentes retiram os dedos, mas o indicador continua a mover-se.

– Faz com que pare, faz com que pare! – guincha uma rapariga e até os rapazes enfadados empalidecem e se afastam.

– Para espírito! Para, já te disse! – grita a anfitriã.

O indicador imobiliza-se. Os convidados da festa olham uns para os outros com olhos assustados. Na outra sala, os membros da banda pegam de novo nos instrumentos e atacam uma dança animada.

– Oh, aleluia! Venha meu querido, vou ensiná-lo a dançar o *black bottom*. – A rapariga embriagada põe-se de pé com alguma dificuldade e leva o rapaz de vez atrás de si.

– Esperem! Temos de escrever «adeus» no tabuleiro. É esse o ritual! – implora a anfitriã, mas os convidados começam a debandar.

George passa-lhe o braço em redor da cintura.

– Não me digas que tens medo do John Perverso.

– Bom, eu...

– Sabes perfeitamente que foi ali o nosso amigo – diz acariciando-lhe suavemente a orelha com o hálito. – Tem os seus truques. Sabes como são as pessoas como ele.

Ela sabe como são as pessoas como ele. Foi provavelmente esse rapaz horroroso que quis troçar deles. Mas dela ninguém faz

troça. Já tem dezoito anos. A vida será um turbilhão infinito de festas e bailes. *Night or daytime, it's all playtime. Ain't we got fun?* Sentiu acalmarem-se os seus primeiros receios. A festa parecia animar-se e continuar noite dentro. As carpetes foram enroladas e os convidados dançavam entusiasmados. As longas fiadas de pérolas batiam de encontro aos vestidos de cintura descaída. As polainas atacam desafiadoras o chão de madeira. Os braços agitavam-se no ar – tudo isto como se uma febril pintura dadaísta tivesse acordado para a vida.

A anfitriã esconde o tabuleiro no armário, onde em breve será esquecido e corre para a sala com as suas brilhantes lâmpadas elétricas – a moderna maravilha do Sr. Edison – e junta-se descuidada à última festa do verão.

Lá fora, o vento detém-se por momentos nessas janelas iluminadas; depois, com uma rajada enérgica, parte a toda a pressa pelos passeios. Entrelaça-se brevemente nas cloches⁴ de duas jovens que tagarelam acerca da trágica morte de Rodolfo Valentino enquanto passeiam um caniche junto ao rio East. Avança pelos desfiladeiros ensopados em néon, pelo comboio aéreo, passando ruidosamente pela Segunda Avenida, abanando as janelas das pobres almas que tentam dormir antes que chegue a manhã – a manhã com as buzinas dos táxis, os tróleis e os comboios; os engraxadores polindo os sapatos de atacadores dos empresários de Union Square; os ardinas apregoando os títulos em Times Square; as telefonistas lançando olhares cobiçosos aos novos casacos de gola tipo xaile que as tentavam das montras, os majestosos arranha-céus erguendo-se acima de tudo como deuses de aço, tijolo e vidro.

O vento passeia-se brevemente diante de um clube de *jazz*, escutando este novo estilo musical que exalta a noite. Vibra com o som dos metais, a percussão enérgica dos acordes do piano, nascidos

⁴ Chapéu feminino, geralmente de feltro, de copa hemisférica e aba muito estreita, usado nos anos 1920. (*N. da T.*)

dos *blues* e do *ragtime*, os ritmos sincopados que refletem a emoção recortada do horizonte da cidade.

Em Bowery, na carcaça ornamentada de um teatro de *vau-deville*, tem lugar uma sonolenta maratona de dança. Os concorrentes, raparigas novas e respetivos acompanhantes, apoiam-se uns nos outros, decididos a que reparem neles para poderem chegar aos sonhos que lhes foram vendidos pelos anúncios dos jornais e da rádio. Têm bolhas nos pés, mas estrelas nos olhos. Já na parte alta da cidade, o Great White Way, assim chamado pela ofuscante incandescência das luzes dos teatros, esvazia-se de clientes. Alguns *habitués* das portas dos artistas esperam nos becos, na esperança de avistarem as glamorosas coristas ou de terem a sorte de conseguir o autógrafo de uma das muitas estrelas da Broadway. Estamos em época de celebridades, de fama, de fortuna e ganância e os jovens ardem em ambições secretas.

O vento de tudo se apercebe com indiferença. É apenas o vento. Não se transformará numa estrela da rádio ou num capitão de indústria. Não se apresentará como candidato a um cargo público nem se apaixonará por Douglas Fairbanks, também não cantará as canções de Tin Pan Alley, canções de saudade e arrependimento, a recordar os bons tempos (*ain't we got fun?*). E assim segue viagem, passando pelos matadouros da Rua 14, pelas infelizes que se vendem nas ruelas escuras. Ali perto, a Estátua da Liberdade ergue a sua tocha sobre o porto, um farol para todos os que chegam a estas costas fugidos de perseguições, fome ou desespero.

O vento rodopia pelos edifícios da Rua Orchard, onde morrem tantos sonhos de gente com estrelas nos olhos e onde nascem outros sonhos dentro da miséria e da pobreza numa subida monte acima. Açoita a roupa estendida nas cordas entre os prédios, passa sobre ruas sujas e esburacadas onde, a esta mesma hora, crianças famintas procuram comida nos caixotes do lixo. O vento existe para sempre. Já viu muito neste país de sonhos e anúncios de sabão, antigos horrores e sangue derramado. Fez de testemunha muda às suas bruxas queimadas nas fogueiras e percorreu o Caminho das

Lágrimas⁵; viu os navios de escravos despejarem nos portos a sua carga humana, assustada e pestanejando, tendo por únicas posses um desgosto que nunca a abandonaria. O vento estava presente quando o presidente Lincoln caiu sob a bala de um assassino. Cheirava a pólvora e a Antietam⁶. Correu com os búfalos e experimentou poisar os dedos nos chapéus negros dos puritanos. Transportou gritos de amor e transformou em trilhos de sal as lágrimas que corriam em incontáveis rostos.

O vento saltita pela Bowery e investe pelo West Side, domicílio dos gangues irlandeses como os Dummy Boys, que andam a cavalo pela Nona Avenida avisando os contrabandistas de bebidas alcoólicas. Rodopia ao longo do poderoso rio Hudson, passa pela vibrante vida noturna do Harlem com os seus grandes pensadores, escritores e músicos, para ir descansar junto às ruínas de uma velha mansão. Tábuas bolorentas cobrem as janelas partidas. O lixo entope a sarjeta da frente. Antigamente a casa era a residência de um mal indescritível. Agora é uma relíquia de uma época passada, esquecida na sombra da prosperidade e crescimento da cidade.

A porta range nos gonzos. O vento entra cauteloso. Rasteja por estreitos corredores em voltas estonteantes. Quartos defuntos, podres de incúria, ramificam-se à esquerda e à direita. As portas abrem-se em paredes de tijolo. Um alçapão dá para uma rampa que termina numa vasta câmara de horrores subterrânea e num quarto ainda mais assustador. Ainda fede: a sangue, a urina, a mal e a um medo tão negro que se tornou parte da casa, tal como a madeira, os pregos e a decomposição.

Alguma coisa se agita nas sombras profundas, uma coisa terrível, e o vento que conhece o mal recua e abandona este lugar. Foge para a segurança dos magníficos prédios altos que prometem os céus azuis, *nothing but blue skies*, do futuro, da indústria e da

⁵ Nome dado pelos índios às migrações forçadas, impostas pelo governo dos EUA às diversas tribos que seriam reunidas no chamado «Território Indígena» (atual estado de Oklahoma). (*N. da T.*)

⁶ A Batalha de Antietam ou de Sharpsburg foi a primeira grande batalha da Guerra Civil Americana. Nela perderam a vida 23 000 americanos. (*N. da T.*)

prosperidade; o futuro que não acredita no mal do passado. Se o vento fosse uma sentinela, daria o alarme. Soltaria um grito de aviso para os terrores futuros. Mas é apenas o vento, ciente de que ninguém ouve os seus gritos.

Nas profundezas da cave da casa em ruínas, uma fornalha acorda para a vida com o estertor da morte semelhante à tosse amarga de um moribundo, que ri desdenhoso do seu destino. Um leve brilho emana desse túmulo de terra, escuro e fétido. Sim, algo se mexe de novo nas sombras. O prenúncio de um mal futuro, muito maior. John Perverso chegou a casa. E tem trabalho a fazer.

